

A autoavaliação na construção de uma prática docente de qualidade

Maria Dolores Ferreira LOPES¹

Élton Meireles de MOURA²

Resumo

O presente artigo trata de resultados de uma pesquisa bibliográfica realizada sobre avaliação, mais especificamente trataremos da autoavaliação na prática pedagógica docente. Esta pesquisa foi norteadada pela busca de respostas para a seguinte indagação: Como a autoavaliação poderia se constituir em um importante instrumento de reflexão? Diante desta questão, pretendeu-se com o estudo realizado, analisar o papel da autoavaliação na prática docente e afirmar seu papel de contribuição na qualidade da relação de ensino/aprendizagem. Além disso, também buscou-se defender uma

¹Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Uberlândia – (UFU). E-mail: doloresflopes@hotmail.com.

²Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo - (USP). E-mail: tommeireles@gmail.com.

metodologia que utilize a autoavaliação como ferramenta para detectar onde pode estar o problema e apontar algum caminho para solucionar o mesmo, oportunizando uma educação mais criativa, reflexiva e política. A autoavaliação pode proporcionar um momento de mudança sobre a forma de pensar a educação, onde o aluno seria corresponsável por sua aprendizagem. Dessa maneira, este estudo buscou levantar a hipótese de que a educação deve ser capaz de desencadear uma visão diferenciada no que tange a avaliação, então ela deve ser capaz de conferir ao processo educativo a capacidade de construção, expansão da consciência individual e coletiva. Para responder adequadamente ao problema da pesquisa e alcançar os objetivos pretendidos, organizou-se uma pesquisa do tipo bibliográfica, em torno de alguns estudos e pesquisas já produzidos, que tratam da mesma temática da avaliação, autoavaliação e algumas leituras sobre práticas docentes que utilizaram o método autoavaliativo. Teremos como referência sobre o tema alguns atores, dentre eles: Depresbiteris, Melo e Bastos, Régnier e Mitre.

Palavras-chave: Autoavaliação; Prática Pedagógica; Reflexão; Ação; Aprendizagem;

SELF-EVALUATION IN THE CONSTRUCTION OF A QUALITY TEACHING PRACTICE

Abstract

This article deals with the results of a bibliographical research carried out on evaluation, more specifically we will deal with the self - evaluation in the teaching pedagogical practice. This research was guided by the search for answers to the following question: How could self-assessment be an important tool for reflection? In view of this question, the purpose of this study was to analyze the role of self-assessment in teaching practice and to affirm its role as a contribution to the quality of the teaching / learning relationship. In addition, we also tried to defend a methodology that uses self-assessment as a tool to detect where the problem may be and to point out some way to solve it, providing a more creative, reflexive and political education. Self-assessment can provide a moment of change on how to think about education, where the student would be co-responsible for their learning. In this way, this study sought to raise the hypothesis that education should be able to trigger a differentiated vision in what concerns the evaluation, so it must be able to confer to the educational

process the capacity of construction, expansion of individual and collective consciousness. In order to respond adequately to the research problem and to reach the desired objectives, a bibliographic research was organized, based on some studies and research already produced, dealing with the same subject of evaluation, self-assessment and some readings on teaching practices that used the self-evaluation method. We will have as reference on the subject some actors, among them: Depresbiteris, Melo and Bastos, Régnier and Miter.

Keywords: Self - evaluation; Pedagogical Practice; Reflection; Action; Learning;

INTRODUÇÃO

As discussões sobre método da autoavaliação nas práticas docentes, tema que propomos a basear este estudo, são de produção incomum. É laborioso encontrar trabalhos que cogitam a dimensão do enriquecimento da qualidade no ensino utilizando-se da ferramenta autoavaliativa em momentos considerados de mais importância na educação, nas ações de reflexão e diagnóstico do conhecimento

compartilhado em sala de aula, bem como o uso desse conhecimento para, de fato, conceber mudanças qualitativas no processo de aprendizagem.

O estudo que ora se apresenta, alicerçado nas práticas de autoavaliação docente se justifica pelo fato de que, conforme Deprestibiteris (2001), as relações de sala de aula se pautam em um sistema binário de transmissão de conhecimento – recepção por parte dos alunos, onde o resultado do desempenho ao final do processo de educação se mensura através de uma “avaliação [que]está intimamente ligada às instruções, que também devem ser dadas qualitativamente, a fim de atingir os objetivos educacionais.”

As avaliações do sistema de ensino demonstram um número cada vez maior de professores com planejamentos baseados em modelos prontos de avaliações, o que revelam um desvio no objetivo central de uma avaliação formativa, ou seja, se pensarmos na justificativa histórica do ensino constituído por mensurações padronizadas, veremos que “na sua mais remota origem a avaliação serviu realmente como instrumento de poder e ameaça...” (Depresbiteris, 2001) e ainda “(...)muitas pessoas ainda usam a avaliação como instrumento de poder e de ameaça (...) a avaliação foi e ainda é considerada como atividade final de processo.”

Sabemos que mesmo hoje muitas das avaliações são padronizadas pelo próprio método organizacional das Secretarias de Educação, que visam recolher dados gerais sobre a qualidade/alcance do ensino formal. Nesse caminho, temos professores que, preocupados em atender essa demanda pela tão estimada qualidade em educação, utilizam a avaliação de forma equivocada.

(...) muitos professores não sabem como avaliar, e a prova acaba se transformando em um processo de cobrança dos conteúdos aprendidos ou decorados pelos alunos, ou ainda em vingança do professor, momento em que esse se delicia ao ver o desespero dos alunos diante das questões. (MELO e BASTOS, 2012, p.182).

Para responder adequadamente ao problema da pesquisa e alcançar os objetivos pretendidos, organizou-se uma pesquisa do tipo bibliográfica, em torno de alguns estudos e pesquisas já produzidos, que tratam da mesma temática da avaliação, autoavaliação e algumas leituras sobre práticas docentes que utilizaram o método autoavaliativo. Teremos como referência sobre o tema alguns atores, dentre eles: Despresbiteris (2001) e Melo e Bastos (2012), autoavaliação, Régnier (2002) e algumas leituras sobre práticas docentes que utilizaram o método autoavaliativo, Mitre (2008).

Dessa maneira, este estudo buscou levantar a hipótese de que a educação deve ser capaz de desencadear uma visão diferenciada no que tange a avaliação, pois se essa tem em sua essência a característica “busca de respostas e caminhos para os problemas detectados” (Mitre et al, 2008) então ela deve ser capaz de conferir ao processo educativo a capacidade de construção, expansão da consciência individual e coletiva para esses problemas.

Com base nessas considerações preliminares, o objetivo do presente artigo é discutir as ações docentes na perspectiva no processo de autoavaliação, e como esse pode trazer para as diversas interações professor-aluno a conscientização de todos os envolvidos no sistema educativo, e a relevância do conhecimento produzido pela autoavaliação na prática pedagógica docente.

DESENVOLVIMENTO

Ao analisar alguns textos produzidos atualmente relativos à avaliação, percebemos que pouco nos é explicitado acerca da autoavaliação. Há uma tendência em se falar em avaliação formativa, como sendo aquela que consiste no fornecimento de informações que orientarão na melhoria do desempenho de forma geral durante o

processo, de modo a não acumular a problemática dos resultados ao fim de um determinado ciclo avaliativo. Porém, a forma como essa prática da avaliação formativa pode ser aliada à metodologia da autoavaliação para qualificação do processo educativo, carece de estudos voltados para tal proposta. A avaliação formativa assim é conceituada, segundo Melo e Bastos (2012):

Caracteriza-se por um processo interpretação-intervenção sobre o desenvolvimento do ensino- -aprendizagem com a finalidade de garanti-lo, aprimorá-lo, direcioná-lo, enfim, de dar condições efetivas para que o ensino e a aprendizagem ocorram com sucesso (...). É formativa toda a avaliação que auxilia o aluno a aprender e a se desenvolver, ou seja, que colabora para a regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo. (MELO e BASTOS, 2012, p.189)

Ainda de acordo com Melo e Bastos,

Na autoavaliação o aluno participa de maneira mais ampla e ativa no processo de aprendizagem, uma vez que tem a oportunidade de analisar seu progresso nos estudos, suas atitudes e comportamentos diante do professor e colegas. (MELO E BASTOS, 2012, p. 192).

Compreendemos então que aliado a essa concepção de busca de uma capacitação e formação que potencialize sua ação e tenha mais

probabilidades de alcançar os objetivos de qualidade na aprendizagem de seus alunos, o profissional educador que utilizar a autoavaliação com seus alunos, conseguirá também entender as dificuldades deles, ajudando-os a rever o percurso. Isso porque a autoavaliação é:

(...) um processo pelo qual um indivíduo avalia por si mesmo, e geralmente para si mesmo, uma produção, uma ação, uma conduta da qual ele é o autor, ou ainda suas capacidades, seus gostos, suas performances e suas competências ou a si mesmo enquanto totalidade. (RÉGNIER, 2002, p.5).

Essa totalidade que nos fala Régnier (2002), implica então pensar que, na relação professor–aluno, o profissional que está lidando continuamente com os vários processos que a aprendizagem apresenta, precisa continuar aprendendo com a sua prática, e sobre sua atuação. A autoavaliação precisa ser contínua e fazer parte da rotina de ensino do professor, haja vista a mutabilidade pela qual passam os estudantes e suas famílias, ou até mesmo pelas constantes diligências que o currículo escolar e as diretrizes de educação se colocam na formação dos educandos.

Teremos assegurado um bom nível de atualização, até mesmo social, que estimule o aluno e coloque o professor em um nível de conhecimento mais qualificado sobre os espaços de convivência de

seu aluno, suas dificuldades em aprender, suas potencialidades e as possibilidades de terem seus “pontos fortes” revertidos em esforços para superação de limites e o sucesso escolar. Será mais viável através da autoavaliação estabelecer uma reflexão sobre as hipóteses que vieram sendo construídas pela história de vida do aluno, auxiliando-o a localizar suas dificuldades e oferecendo-lhes a oportunidade de descobrir as melhores soluções.

O exercício da autoavaliação é um dos momentos que favorece a construção de uma cultura de autoavaliação em sala de aula, ou seja, através de um movimento iniciado pelo professor, que se autoavalia e se percebe um profissional consciente de onde está, porque está fazendo e de que forma está fazendo, possibilita-se uma abertura do espaço escolar para a autonomia.

Para Régnier (2002), “a autoavaliação auxilia na obtenção de maior regulação e melhor desenvolvimento cognitivo, abrangendo análise crítica do próprio trabalho; compreensão dos erros e dos sucessos; comparação dos resultados alcançados com os esperados e seleção de novas estratégias.”

Incluir o instrumento da autoavaliação de forma mais recorrente, poderá proporcionar ao aluno, refletir sobre seu processo educativo. E o professor poderá, a partir dos resultados obtidos

periodicamente, direcionar ou redirecionar a sua prática pedagógica. Nesse aspecto, estamos falando de uma prática que não é isolada em um único momento do processo (final de bimestres), pois a autoavaliação tem a intenção de possibilitar melhorias e incentivar os alunos a construir e analisar as suas aprendizagens sempre e em cada novo conhecimento. Poderá esse aluno qualificar as suas formas de pensar e definir as suas responsabilidades diante dos resultados obtidos, de forma a construir e reconstruir ideias sobre si mesmos e seu processo de aprendizagem.

E, por conseguinte, esse movimento leva o educando, segundo Mitre, (2007) a questionar e gerenciar suas próprias aquisições, bem como sugerir e indicar ao profissional de sala de aula como qualificar, diferenciar e carregar de significados os processos de aprendizagem que permeiam o espaço escolar, pois (...) na auto-avaliação, pode-se rever a metodologia utilizada na prática pedagógica, enquanto o discente irá refletir sobre si mesmo e a construção do conhecimento realizado.

Assim, por acreditarmos que os princípios da autoavaliação poderão possibilitar a melhoria da prática pedagógica enquanto meio capaz de criar um movimento de reflexão, ou seja, voltar-se a si mesmo e criar estratégias para a resolução de problemas, é que iremos

verificar se há uma maneira de encarar a avaliação como meio muito mais significativo que quantificar verificar ou aferir, mas sim, conhecer, mover e refletir.

Segundo pesquisas de Depresbiteris (2001), a avaliação como um conceito geral, tem suas bases históricas firmadas em concepções regulatórias, onde os termos “escalas”, “inventário”, “fichas”, “teste-padrão” etc., eram comuns e revelavam a ideia de atividade de mensuração final que servia exclusivamente para alcançar objetivos, sem a preocupação de vincular os dados obtidos a um processo contínuo e sistemático imbricado de relevância para a aquisição de um conhecimento escolar tradicional. Essa concepção de educação tradicional é assim exemplificada:

(...) o professor exerce o papel de transmissor de informações, tornando-se o centro das relações entre o conhecimento e o aluno. Sua função é transmitir verdades já prontas, validadas pela sociedade e transmitidas às novas gerações. Esse ensino, que costumamos chamar de tradicional foi resultado de muitos e muitos anos de trabalho com o foco na aquisição pura e simples de conteúdos. Eles eram ‘transmitidos’ pelo professor, recebidos (copiados) pelo aluno e reproduzidos fielmente nas provas. (MITRE, 2008, p.2140)

Esse último movimento só foi conseguido no Brasil tempos mais tarde, com Heraldo Marelim, enquanto muitos teóricos em educação ainda pensavam que a avaliação era exclusivamente para mensurar, ele já compreendia a avaliação de uma maneira mais global, qualificada e política. Defendendo que “a avaliação formativa é uma alternativa para a educação de qualidade, e que merece ser discutida e aprofundada. Fala também de a necessidade da avaliação contar com a participação de profissionais especialmente treinados, com experiência no trato de diferentes problemas educacionais.”

Vemos assim, que este pensamento se aproxima muito da avaliação que queremos nos propor a apresentar, aquela capaz de promover, antes de tudo uma autocompreensão, um agir embasado numa tomada de decisão repleta de saber crítico sobre sua atuação, seus conhecimentos, sua utilidade, seus padrões éticos, políticos, sociais, enfim, o discernimento de quem se é, como aprende, e porque aprende.

Através das práticas pedagógicas que temos atualmente, percebemos que a avaliação ainda não se consolidou como ferramenta de autocompreensão e reflexão em muitas escolas. Nestas práticas, conforme Melo e Bastos (2012):

(...) o aluno é um simples repetidor de informações, muitas vezes não compreendidas ou vazias de significados para ele. Não cabe ao aluno o papel de escolher o que deve ou não saber, nem a maneira pela qual essa aprendizagem deva ser feita. A ele cabe aprender o que é colocado, da forma como foi planejado, e repetir no momento da verificação da aprendizagem. (MELO e BASTOS, 2012, p.184)

Se ainda na relação professor-aluno a avaliação é utilizada como disciplinadora, como ameaça para conseguir a atenção e comportamento adequado dos alunos, ou ainda é utilizada para qualificar algumas tarefas ou alguns resultados, torna-se ainda mais importante pensar em uma avaliação que busque a reflexão de prática profissional, um repensar dos objetivos da aprendizagem e uma consequente nova forma de avaliar o educando, onde este tenha claro a concepção de todo o processo de sua formação, pois na relação professor – aluno, devemos entender que:

O aluno não é acumulador e repetidor de informações recebidas. O aluno é construtor do seu saber, do próprio conhecimento, e o professor atua como mediador, estimulando a construção do pensamento(...) não só o aluno, mas também o professor e todos os envolvidos na prática pedagógica podem, a partir dela, refletir sobre sua própria evolução na construção do conhecimento. (MELO e BASTOS, 2012, p.183)

Quando o profissional educador já passou por um processo de análise de sua própria trajetória e tem claro os objetivos de aprendizagem que pretende alcançar, ele terá mais possibilidade de utilizar o instrumento da avaliação para possuir informações que o façam compreender como está o andamento do trabalho pedagógico para assim fazer as devidas adaptações.

Práticas inovadoras em avaliação educacional não são simples de se aplicar com confiabilidade e eficácia, por isso Melo e Bastos (2012) dizem que “(...) tendo em vista que a avaliação constitui uma parte importante do processo ensino-aprendizagem, é de fundamental importância que o professor busque conhecimento suficiente para atuar de forma competente”.

A maneira de agir com relação aos processos educacionais e seus consequentes resultados sugere uma concepção pedagógica mais construtiva, onde o aluno vai edificar o seu próprio saber e o professor, já consciente de seu papel profissional ao se autoavaliar, vai mediando esse processo. De acordo com Luckesi (1997), “educando e educador, por meio dos atos de avaliação, como aliados na construção de resultados satisfatórios da aprendizagem podem se autocompreender no nível e nas condições em que se encontram para dar um salto à frente”.

Conforme Melo e Bastos (2012):

O modelo construtivista propõe uma nova relação entre professor, aluno e conhecimento, partindo do princípio de que o aluno não é acumulador e repetidor de informações recebidas. O aluno é construtor do seu saber, do próprio conhecimento, e o professor atua como mediador, estimulando a construção do pensamento (MELO e BASTOS, 2012, p. 183)

Enquanto neste caminho de se pensar em um processo educativo mais dialógico e significativo por parte do aluno, temos a avaliação que assume um papel mais abrangente, pois passa a propiciar mais do que resultados, ela gera constantes reflexões.

Neste intenso movimento de avaliar numa dimensão formativa e construtiva, tem-se um cenário onde se tornar possível ao aluno também se autoconhecer. Assim, o profissional está mais perto de coletar informações sobre as dificuldades de cada aluno, e assim, pode planejar estratégias para cada dificuldade encontrada. Dessa maneira:

(...) o ato de avaliar começa a ser encarado mais em sua função formativa, que deve permitir a compreensão da situação em que se encontra o educando, deve estar inserida obrigatoriamente na continuidade da aprendizagem e ter uma atitude de apoio a diferentes possibilidades de ação. Assim, a confiança dos educandos e o envolvimento de cada um deles em sua própria avaliação são essenciais para o bom

funcionamento do sistema educativo. (RÉGNIER, 2002, p.37)

Tal afirmação também pode ser encarada em nível profissional, ou seja, falamos em uma formação continuada, ou uma formação inicial que considere que quando se conhece as motivações que levaram o docente à escolha de sua carreira e a constante busca por conhecimento sobre como essas motivações estão sendo reforçadas, temos aí a possibilidade de uma reflexão qualificada e consciente, que depende do acompanhamento das etapas pelas quais passa o ato de educar e as condições oferecidas para ajudar o aluno a superar as dificuldades e avançar em seu conhecimento.

Assim, como o ato de utilizar novas metodologias no ensino requer constante estudo, disponibilidade e capacitação, a formação do professor que utilize o método auto avaliativo:

(...) pressupõe que se repense a sequência teoria/ prática na produção do conhecimento, assumindo que esta [formação] ocorre por meio da ação-reflexão-ação. Reafirma-se, assim, a ideia de que o processo ensino-aprendizagem precisa estar vinculado aos cenários da prática e deve estar presente ao longo de toda a carreira. (MITRE, 2008, p.2138)

De acordo com Mitre (2008), o professor também poderá, através da metodologia da autoavaliação, permitir que exista em sala

de aula ações direcionadas para que o aluno qualifique e confira seus próprios significados aos conteúdos que, por sua vez, podem se transformar em habilidades, ou seja, a capacidade de discriminar em que circunstâncias será possível ou conveniente que os conteúdos aprendidos sejam aplicados, exercitando tomadas de decisões ao utilizar o conteúdo aprendido em situações sociais, culturais e humanas.

A ação autoavaliativa requer do professor, como já foi dito pelos autores citados anteriormente (a saber Régnier, 2002 e Mitre, S.M. et al, 2008), o exercício constante do trabalho reflexivo, da disponibilidade para o planejamento e replanejamento, uma vez que a prática de utilizar as informações que provém dos alunos, requer um constante cuidado com as situações/respostas imprevistas.

Entendemos que a prática pedagógica é uma ação que articula diferentes atores, docentes e discentes, e cada um deles compartilha parcelas de responsabilidade sobre o que se aprende. Essa prática por sua vez se torna reflexiva, por produzir uma compreensão do mundo mais dialógica, criativa e comprometida.

Até o momento, tentamos demonstrar que a prática de autoavaliação é um processo que se inicia pela ação docente, mas que acaba por refletir, segundo Mitre, S.M. et al, (2008), em uma

concepção de avaliação formativa, que insere de significados a realidade avaliatória do aluno que passa a ser um ser consciente e atuante na construção de seu conhecimento. O aluno participa de seu desenvolvimento, e entende o porquê de aprender.

Acredita-se que, de acordo com esses autores, que a concepção de educação onde o educando vai pensar, por si, sobre as suas ações em termos de sucessos e dificuldades imprimindo em suas atitudes uma ideia de melhoria constante, é capaz de gerar

uma problematização [que] pode levá-lo ao contato com as informações e à produção do conhecimento, principalmente, com a finalidade de solucionar os impasses e promover o seu próprio desenvolvimento. Ao perceber que a nova aprendizagem é um instrumento necessário e significativo para ampliar suas possibilidades e caminhos, esse poderá exercitar a liberdade e a autonomia na realização de escolhas e na tomada de decisões. (MITRE, 2008, p.2136).

Podemos pensar então, como a autoavaliação poderia se constituir em instrumento de reflexão da prática pedagógica, e percebemos que para a viabilização de uma metodologia pedagógica reflexiva é necessário, conforme Mitre, S.M. et al(2008) que o professor planeje suas ações, ou seja, que saiba como, quando e qual o objetivo a alcançar ao final de suas avaliações. Dessa forma, seu trabalho em sala de aula estará embasado no entendimento de que a

autoavaliação não pode ter como objetivo a atribuição de um padrão, mas sim a reflexão e o entendimento de um processo contínuo.

Nesse planejamento, é necessário que o professor tenha a concepção de que seu aluno não pode ter uma única oportunidade no final de um bimestre, como ocorre dentro de uma concepção somativa, onde a avaliação “(...) implica fornecimento de informações a respeito do valor final do desempenho do educando, tendo em vista a decisão de aprová-lo ou reprová-lo”. (Depresbiteris, 2002). Ou seja, para uma prática pedagógica de qualidade, é preciso almejarmos o cuidado de não utilizarmos a autoavaliação dentro de concepções tradicionais de avaliações finais.

Do mesmo modo, ao invés de planejar situações em que o aluno irá preencher uma ficha final de autoavaliação, atribuindo a si uma nota que diz se ele foi bem e em que precisa melhorar, e atribuir a si mesmo um valor quantitativo, deve-se conceber a prática da autoavaliação de forma contínua, do início ao término do processo que compreende a educação.

Assim, acreditamos que a prática da autoavaliação pode ser um agente colaborador neste processo quando entendida como:

[...] um processo cognitivo complexo pelo qual um indivíduo (aprendiz, (ou) professor) faz um julgamento

voluntário e consciente por si mesmo e para si mesmo, com o objetivo de um melhor conhecimento pessoal, da regulação de sua ação ou de suas condutas, do aperfeiçoamento da eficácia de suas ações, do desenvolvimento cognitivo (RÉGNIER, 2002, p. 05) (grifos nossos).

Quando tratamos a prática pedagógica dessa maneira dialógica, temos a oportunidade de compreender a educação do ponto de vista dos autores Mitre, S.M. et al, (2008), ou seja, discernimos que a ação de ensinar-aprender vai muito além de um sistema binário de transferência / recepção de conhecimentos.

Não obstante, essa prática se constitui em um movimento espiral, que resgata conhecimentos prévios do aluno, sua história de vida, sua visão e interpretação das situações, daí ocorre a análise de todos esses dados coletados, há a ressignificação destes resultados a luz da formação pedagógica/acadêmica do docente, que tem condições de, junto com o seu corpo discente, refletir sobre os conteúdos, objetivo do ensino.

Acreditamos que com a prática constante da autoavaliação, os professores serão capazes de desenvolver sentimentos maiores de responsabilidade pessoal e de apreciação dos mais discretos e simples sinais de avanços de seus alunos. E serão assim, capazes de encarar prontamente as necessidades de sala de aula e dirigir as

potencialidades de seus alunos para sua própria autoavaliação. De modo que o aluno poderá refletir sobre o que ele sabe, o que ainda não sabe e até sugerir ao próprio docente meios alternativos e significativos de se conquistar a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa tentativa de tecer considerações sobre o papel da autoavaliação como prática, de certa forma, inovadora formação, prática e atuação reflexiva dos docentes utilizou a estratégia de fazer uma leitura de textos que conceituassem a avaliação e que trouxessem alguma experiência didática bem-sucedida através do método autoavaliativo. Nosso objetivo foi o de demonstrar, a partir dos autores com que dialogamos, as dificuldades de inovar com a prática da avaliação formal, mensurativa, classificatória e estabelecer um diálogo sobre as possíveis soluções significativas, à luz da autoavaliação, que se constitui em um método dinâmico, reflexivo, processual e formativo.

Buscamos compreender a autoavaliação na prática de sala de aula como um processo contínuo, que começa com a autoavaliação diagnóstica, procurando compreender o contexto do aluno, suas

formas de aprendizagem específicas, que lhe trará mais possibilidades de sucesso ao contextualizar os conteúdos em conceitos munidos de significados e sentido para ele e prolonga-se para além dela, constituindo um conjunto de “ações direcionadas para que o discente aprofunde e amplie os significados elaborados mediante sua participação, enquanto requer do docente o exercício permanente do trabalho reflexivo”(Mitre et al, 2008).

Em outras palavras, os saberes gerados através do método autoavaliativo ganha significado efetivo, na medida em que se articula uma nova relação entre o docente e o aluno, focalização da reflexão na ação e favorecimento das atividades significativas que promovam o conhecimento dos conteúdos necessários no processo educativo. Assim, esse movimento requer tanto uma reflexão quanto uma conscientização de sua responsabilidade educativa frente ao conhecimento.

As considerações nesse estudo desenvolvidas não constituem uma visão acabada sobre um método inovador, capaz de gerar profundas mudanças. Ademais, está preocupado em refletir acerca de um método de potencial, apropriado para orientar uma nova postura na relação entre aluno e professor, baseado na reflexão-ação.

Desta maneira, estivemos respaldados em uma concepção dialógica, que concebe desde o conhecimento da responsabilidade na aquisição de conhecimento, papel fundamentalmente do profissional da educação, até o aluno, como construtor dos próprios mecanismos auxiliares de seu processo educativo. Acreditamos que a autoavaliação como um processo frequente, desde as séries iniciais, possa auxiliar, tanto o aluno quanto o professor na caminhada da vida educacional, tornando-a mais significativa e satisfatória para ambos.

Enfim, se a concepção de educação é ampla, humana, autônoma, o papel da avaliação também será o de investigar/pesquisar/indagar se está sendo construído nas relações de sala de aula, um sujeito crítico autônomo e consciente em sua atuação social.

Esperamos que este artigo possa somar a outros que levantam a mesma questão a respeito da relevância da autoavaliação e seu emprego voltado à melhoria da qualidade do processo educativo. Percebemos com esse trabalho, a necessidade de que haja mais pesquisas a respeito do tema estudado, pois como citamos anteriormente, poucos são os trabalhos encontrados que mencionam a dimensão do enriquecimento no ensino utilizando a ferramenta autoavaliativa.

Podemos concluir que um dos méritos da autoavaliação está, justamente em sua capacidade crítica, reflexiva e transformadora, conforme mostramos em nossas reflexões.

REFERÊNCIAS

DEPRESBITERIS, Léa. **Avaliação Educacional em três atos**. 2ªed. São Paulo: Editora SENAC, 2001. 102 p.

_____. **Avaliação da aprendizagem na Educação Ambiental** – uma relação muito delicada. In: SANTOS, J. E.; SATO, M. A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora. São Carlos: Ri Ma, 2001.

INÁCIO FILHO, Geraldo. **A monografia nos cursos de graduação**. 3ªed. Uberlândia: Edufu, 2003. 206 p.

MELO, Édina Souza de e BASTOS, Wagner Gonçalves. **Avaliação escolar como processo de construção de conhecimento**. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 23, n. 52, p. 180-203, maio/ago. 2012

MITRE, Sandra Minardi et al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais.** Ciência & Saúde Coletiva, 13 (Sup. 2):2133-2144, 2008.

RÉGNIER, Jean-Claude. **A autoavaliação na prática pedagógica.** Revista Diálogo Educacional. Paraná, v. 3, n.6, p.53-68, maio/agosto, 2002.

MACEDO H. **Avaliação escolar.** Disponível em:
[//www.projetoeducar.com.br](http://www.projetoeducar.com.br) Acesso: 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições-** 5ª ed. São Paulo, Cortez, 1997.